

# CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS PARA O EMPREENDEDORISMO SOCIAL

## THEORETICAL CONTRIBUTIONS TO THE SOCIAL ENTREPRENEURSHIP

Maria Elisabeth Pereira Kraemer\*

### RESUMO

Atualmente, o empreendedorismo social apresenta-se como um conceito em desenvolvimento, mas apesar do termo ser relativamente novo, pode ser encontrado ao longo da história. É o que procuramos apresentar, a partir dos principais conceitos nacionais e internacionais e de alguns exemplos. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo contribuir teoricamente com empreendedorismo social demonstrando uma sinopse das organizações e seus entendimentos, autores e suas definições, sua origem, visão nacional abordando as organizações no Brasil e os empreendedores sociais e internacional com a contribuição das Escolas Americanas e Europeias. Para a elaboração deste estudo realizou-se uma pesquisa descritiva, de natureza teórico-exploratória. A partir de dados, foi realizado um levantamento de artigos científicos, dissertações e teses relacionadas ao tema e que apresentavam diferentes perspectivas teóricas. Espera-se contribuir para a construção e aperfeiçoamento da pesquisa sobre empreendedorismo social, uma vez que o tema é relevante para a sociedade.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo social. Terceiro setor. Empreendedor social. Escola americana. Escola europeia.

### ABSTRACT

Currently, social entrepreneurship is presented as a concept in development, but despite the term is relatively new, can be found throughout history. That's what we try to introduce, from major national and international concepts and examples. In this sense this article aims to theoretically contribute to social entrepreneurship showing a synopsis of organizations and their understandings, authors and their definitions, origin, national vision addressing organizations in Brazil and the social and international entrepreneurs with the contribution of the American Schools and European . To prepare this study we carried out a descriptive, theoretical and exploratory nature. From data, we conducted a survey of scientific papers, theses and dissertations related to the theme and presenting different theoretical perspectives. It is expected to contribute to the construction and improvement of research on social entrepreneurship, since the topic is relevant to society.

**Keywords:** Social Entrepreneurship. Third sector. Social entrepreneur. American School. European School.

---

\* Universidade do Vale do Itajaí UNIVALI. [kraemer@univali.br](mailto:kraemer@univali.br)

## **Introdução**

O empreendedorismo social é um conceito que nos últimos anos tem vindo a suscitar com uma crescente atenção por parte da academia, políticos e profissionais e nos termos científicos. Esse fenómeno surge no contexto de crise e desafios sociais, económicos e ambientais, devido a incapacidade e a desadequação das instituições governamentais em solucionar problemas sociais.

É neste cenário que se desenvolvem diferentes ações de protagonismo social que ganha destaque o empreendedor social, pessoa que assume o papel de agente transformador, que a partir de uma postura visionária e inovadora, busca idealizar e desenvolver mecanismos que promovam o bem estar social.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo contribuir teoricamente com empreendedorismo social demonstrando em uma sinopse com as organizações e seus entendimentos, autores e suas definições de empreendedorismo social, sua origem, visão nacional abordando as organizações no Brasil e os empreendedores sociais e internacional com a contribuição das Escolas Americanas e Europeias.

## **Empreendedorismo social**

O empreendedorismo social é uma ação coletiva que envolve pessoas da comunidade buscando a integração e o desenvolvimento dessas pessoas, buscando através dessas ações, solucionar os problemas da comunidade produzindo bens e serviços para a mesma. Portanto, o foco é buscar soluções para os problemas sociais mediante necessidades da comunidade, medindo o sucesso através do desempenho, impacto social das atuações, atitudes e comportamentos, ou seja, o número de pessoas no programa ou projeto de empreendedorismo social (MELO NETO; FRÓES, 2001, p. 81).

Dees (2002) ressalta que o empreendedorismo social deve refletir a necessidade de um substituto para a disciplina do mercado que se aplica aos empreendedores empresariais, pois não podemos pensar que a disciplina do mercado irá eliminar automaticamente os empreendimentos sociais que não utilizam os recursos eficaz e eficientemente.

A definição que se segue combina uma ênfase na disciplina e na prestação de contas com as noções de criação de valor, derivada de Say, inovação e agentes de mudança, a partir de Schumpeter, procura de oportunidade, segundo Drucker, e de

desenvoltura, de Stevenson. Resumindo, nesta definição pode ser enunciada da seguinte forma, conforme DEES (2002): os empreendedores sociais desempenham o papel de agentes da mudança no setor social ao:

- Adotar uma missão para criar e manter valor social (e não apenas valor privado);
- Reconhecer e procurar obstinadamente novas oportunidades para servir essa missão;
- Empenhar-se num processo contínuo de inovação, adaptação e aprendizagem;
- Agir com ousadia sem estar limitado pelos recursos disponíveis no momento; e
- Prestar contas com transparência às clientelas que servem e em relação aos resultados obtidos.

A seguir, o Quadro 1 apresenta uma sinopse com as organizações e seus entendimentos e com os autores e suas definições de empreendedorismo social.

**Quadro 1: Sinopse com as organizações e seus entendimentos e com os autores e suas definições de empreendedorismo social**

Organizações/Autores	Entendimentos/Conceitos
SSE – School Social Entrepreneurship, Uk- Reino Unido	“É alguém que trabalha de uma maneira empresarial, mas para um público ou um benefício social, em lugar de ganhar dinheiro. Empreendedores sociais podem trabalhar em negócios éticos, órgãos governamentais, públicos, voluntários e comunitários [...] Empreendedores sociais nunca dizem não pode ser feito”.
Ccse – Canadian Center Social Entrepreneurship, Canada	“Um empreendedor social vem de qualquer setor, com as características de empresários tradicionais de visão, criatividade e determinação, e empregam e focalizam na inovação social [...] Indivíduos que combinam seu pragmatismo com habilidades profissionais, perspicácias.
Foud Schwab, Suíça	São agentes de intercambiação da sociedade através de: propor a criação de ideias úteis para resolver problemas sociais, combinando práticas e conhecimentos de inovação, criando assim novos procedimentos e serviços; criar parcerias e formas/meios de autosustentabilidade dos projetos; transformação das comunidades graças às associações estratégicas; utilização de enfoques baseados no mercado para resolver os problemas sociais; identificação de novos mercados e oportunidades para financiar uma missão social. [...] características comuns aos empreendedores sociais: apontam ideias inovadoras, e vem oportunidades onde outros não vem nada; combinam risco e valor com critério e sabedoria; estão acostumados a resolver problemas concretos, são visionários com sentido prático, cuja motivação é a melhoria de vida das pessoas, trabalham 24 horas do dia para conseguir seu objetivo social.”
Ise – The Institute Social Entrepreneurs, Eua	“Empreendedores sociais são executivos do setor sem fins lucrativos que prestam maior atenção às forças do mercado sem perder de vista sua missão (social), e são orientados por um duplo propósito: empreender programas que funcionem e estejam disponíveis às pessoas (o empreendedorismo social é base nas competências de uma organização), tornando-as menos dependentes do governo e da caridade.”

Ashoka, Eua	“Os empreendedores sociais são indivíduos visionários, que possuem capacidade empreendedora e criatividade para promover mudanças sociais de longo alcance em seus campos de atividade. São inovadores sociais que deixarão sua marca na história.”
Erwing Marion, Kauffman Foundation	“Empreendimentos sem fins lucrativos são o reconhecimento de oportunidade de cumprimento de uma missão para criar e sustentar um valor social, sem se ater exclusivamente aos recursos.”
Waddock; Post, 1991	Um indivíduo que traz mudanças na percepção das questões sociais [...] Eles desempenham papéis críticos em trazer mudanças catalisadoras na agenda do setor público e na percepção de certas questões sociais.
Prabhu, 1999	Pessoas que criam ou gerenciam organizações empresariais inovadoras ou empreendimentos cuja missão principal é a mudança social e desenvolvimento de seu grupo de clientes.
Thompson; Alvy; Lees, 2000	Pessoas que percebem onde há uma oportunidade para satisfazer alguma necessidade não satisfeita que o sistema de previdência estadual não atende ou não pode atender, e quem reúne os recursos necessários (geralmente as pessoas, muitas vezes voluntários, dinheiro e instalações) e os usa para fazer a diferença.
Ashoka; Mckinsey, 2001	“Os empreendedores sociais possuem características distintas dos empreendedores de negócios. Eles criam valores sociais através da inovação a força de recursos financeiros em prol do desenvolvimento social, econômico e comunitário. Alguns dos fundamentos básicos do empreendedorismo social estão diretamente ligados ao empreendedor social, destaca-se a sinceridade, paixão pelo que faz, clareza, confiança pessoal, valores centralizados, boa vontade de planejamento, sonhar e uma habilidade para o imprevisto.”
Dees, 2001	Empreendedores sociais são uma espécie no gênero empreendedor. Eles são empreendedores com uma missão social.
Drayton, 2002	Eles têm o mesmo temperamento dos empreendedores de suas indústrias [...] O que define um líder empreendedor social? Primeiro, não existe empreendedor sem uma ponderosa e nova ideia de mudança do sistema. Há outros quatro ingredientes necessários: criatividade, impacto generalizado, qualidade empresarial, e fibra ética forte.
Melo Neto; Froes, 2002	“Quando falamos de empreendedorismo social, estamos buscando um novo paradigma. O objetivo não é mais o negócio do negócio [...] trata-se, sim, do negócio do social, que tem na sociedade civil o seu principal foco de atuação e na parceria envolvendo comunidade, governo e setor privado a sua estratégia [...] Quando falamos de empreendedorismo social, estamos buscando um novo paradigma.
Pádua; Rouere, 2002	“Constituem a contribuição efetiva de empreendedores sociais inovadores, cujo protagonismo na área social produz desenvolvimento sustentável, qualidade de vida e mudança de paradigma de atuação em benefício de comunidades menos privilegiadas.”
Rao, 2002	“Empreendedores sociais, indivíduos que desejam colocar suas experiências organizacionais e empresariais mais para ajudar os outros do que para ganhar dinheiro.”
Thompson, 2002	Pessoas com qualidades e comportamentos que associamos com o empresário, mas que atuam na comunidade e estão mais preocupados em cuidar e ajudar do que em ganhar dinheiro.
Boschee; Mcclurg, 2003	Um empreendedor social é qualquer pessoa, em qualquer setor, que usa estratégias de ganho de renda para perseguir um objetivo social. Empresários sociais agem de forma socialmente responsável, enquanto que Empreendedores tradicionais são, principalmente, regidos pela busca de retornos financeiros

Lasprogata; Cotten, 2003	Empreendedorismo social significa organizações sem fins lucrativos que aplicam estratégias empresariais para se sustentar financeiramente, tendo um maior impacto sobre sua missão social.
Leite 2003	“O empreendedor social é uma das espécies do gênero dos empreendedores; São empreendedores com uma missão social, que é sempre central e explícita”.
Mort; Weerawardena; Carnegie, 2003	Um construto multidimensional que envolve a expressão do comportamento empreendedor virtuoso para atingir a missão social, uma unidade coerente de propósito e ação em face da complexidade moral, a habilidade de reconhecer oportunidades de criação de valor social e de oportunidades-chave de tomada de decisão com características de inovação, pro-atividade, e assunção de riscos.
Alvord; Brown; Letts, 2004	Cria soluções inovadoras para problemas sociais imediatos e mobiliza as ideias, capacidades, recursos e arranjos sociais necessários para as transformações sociais sustentáveis.
Bornstein, 2004	Empreendedores sociais são pessoas com novas ideias para resolver grande problemas, que são incansáveis na busca de suas visões [...] que não desistem enquanto não tiverem disseminado suas ideias o mais longe possível”.
Dart, 2004	Empresa social difere do entendimento tradicional da organização sem fins lucrativos em termos de estratégia, estrutura, normas, valores, e representa uma inovação radical no setor sem fins lucrativos.
Harding, 2004	Eles são ortodoxos empresários com objetivos sociais cujos excedentes são principalmente reinvestidos para o efeito nos negócios ou na comunidade, ao invés de ser conduzido pela necessidade de maximizar o lucro para os acionistas e proprietários.
Hibbert; Hogg; Quinn, 2005	O empreendedorismo social pode ser vagamente definido como o uso de um comportamento empreendedor para fins sociais, em vez de para os objetivos de lucro, ou, alternativamente, que os lucros gerados sejam utilizados em benefício de um grupo específico de desfavorecidos.
Roberts; Woods, 2005	Empreendedorismo social é a construção, avaliação, e busca de oportunidades para a mudança social transformadora realizada pelo visionário apaixonadamente dedicado aos indivíduos.
Seelos; Mair, 2005	Empreendedorismo social combina a desenvoltura do empreendedorismo tradicional com a missão de mudar a sociedade.
Tan; Williams; Tan, 2005	O empreendedor social é uma pessoa que busca lucros para a sociedade ou um segmento através de inovações que envolvem a sociedade ou algum segmento dela.
Austin; Steven-son; Wei-skillern, 2006.	Empreendedorismo social é uma atividade inovadora de geração de valor social que ocorre nos setores sem fins lucrativos, de negócios e governamental.
Cho, 2006	Um conjunto de práticas institucionais que combinam a busca por objetivos financeiros e a promoção de valores substantivos.
Hartigan, 2006	Empresários cujo trabalho tem como objetivo a transformação social progressiva [...] Um negócio para conduzir a mudança transformacional. Enquanto os lucros são gerados, o principal objetivo não é maximizar o retorno financeiro para os acionistas, mas crescer o empreendimento social e alcançar mais pessoas necessitadas de forma eficaz. Acumulação de riqueza não é uma prioridade – receitas além dos custos são reinvestidas na empresa, a fim de financiar a expansão.
Haugh, 2006	Empresa social é um termo coletivo para uma série de organizações que comercializam para um propósito social. Eles adotam um de uma série de diferentes formatos legais, mas têm em comum os princípios de buscar soluções de negócios para alcançar objetivos sociais, e o reinvestimento do excedente para o benefício da comunidade. Seus objetivos focam no socialmente desejada, metas

	não-financeiras e seus resultados são as medidas não-financeiras da demanda implícita e prestação de serviços.
Hockerts, 2006	Negócios com propósitos sociais são empresas híbridas na fronteira entre as organizações mundiais sem fins lucrativos e organizações públicas e sem fins lucrativos com foco em missões sociais. Porém, elas não se encaixam completamente em nenhuma dessas esferas
Korosec; Berman, 2006	Empreendedores sociais são definidos como indivíduos ou organizações privadas que tomam a iniciativa de identificar e resolver problemas sociais importantes em suas comunidades. Organizações e indivíduos que desenvolvem novos programas, serviços e soluções para problemas específicos e aqueles que atendem às necessidades de populações especiais.
Light, 2006	Um empreendedor social é um indivíduo, grupo, organização em rede, ou aliança de organizações que visa mudança sustentável e em larga escala através das ideias de ruptura em que e como governos, organizações sem fins lucrativos, e as empresas fazem para lidar com os problemas sociais.
Mair; Martí, 2006	Um processo que envolve a utilização inovadora e combinação de recursos para buscar oportunidades para catalisar mudanças sociais e/ou atender às necessidades sociais.
Peredo; Mclean, 2006	Empreendedorismo social é exercido quando alguma pessoa ou grupo: (1) visam a criação de valor social, exclusiva ou, pelo menos, de alguma forma proeminente; (2) mostram uma capacidade de reconhecer e aproveitar as oportunidades para criar esse valor (visualizar); (3) empregam inovação, que vão desde a invenção nova à adaptação da realidade de outra pessoa, na criação e / ou distribuição de valor social; (4) está disposto a aceitar um grau acima da média de risco na criação e disseminação de valores sociais; e (5) é extraordinariamente engenhoso em não se intimidar com recursos escassos na busca de seu empreendimento social.
Perrini; Vurro, 2006	Nós definimos Empreendedorismo Social como um processo dinâmico criado e gerido por um indivíduo ou equipe (o empresário inovador social), que se esforça para explorar a inovação social com uma mentalidade empreendedora e uma forte necessidade de realização, a fim de criar novos valores sociais no mercado e comunidade em geral.
Robinson, 2006	Eu defino o empreendedorismo social como um processo que inclui: a identificação de um problema social específico e uma solução específica para enfrentá-lo; a avaliação do impacto social, o modelo de negócios e a sustentabilidade do empreendimento; e a criação de uma missão social orientada para fins lucrativos ou uma entidade de negócios sem fins lucrativos que persegue o <i>double</i> (ou <i>triple</i> ) <i>bottom line</i> .
Sharir; Loerner, 2006	O empreendedor social está agindo como um agente de mudança para criar e manter valor social, sem ser limitado aos recursos atualmente em mãos
Thompson; Doherty, 2006	Empresas sociais - definido simplesmente - são organizações que procuram soluções de negócios para os problemas sociais.
Martin; Osberg, 2007	Nós definimos o empreendedorismo social como tendo as seguintes três componentes: (1) identificação de um equilíbrio estável, mas inerentemente injusto que provoca a marginalização, a exclusão ou o sofrimento de um segmento da humanidade que carece de meios financeiros ou influência política para alcançar qualquer benefício de transformação em seu favor, (2) identificar uma oportunidade neste equilíbrio injusto, desenvolvendo uma proposição de valor social, e trazendo à tona a inspiração, criatividade, ação direta, coragem e fortaleza, assim, desafiando a hegemonia do estado estável, e (3) forjar um novo equilíbrio estável que libera presos em potencial ou alivia o sofrimento do grupo alvo, e por meio da imitação e da criação de um ecossistema estável em torno do novo

	equilíbrio garantindo um futuro melhor para o grupo alvo e até mesmo a sociedade em geral.
Tracey; Jarvis, 2007	A noção de comercialização por um propósito social está no centro do empreendedorismo social, que exige que os empreendedores sociais identifiquem e explorem oportunidades de mercado, e consigam os recursos necessários, a fim de desenvolver produtos e/ou serviços que lhes permitem gerar 'lucro empresarial' para um determinado projeto social.
Masseti, 2008	Introduz a Matriz Social Empreendedora, baseada em como a empresa tem mais missão mercadológica ou social e se exige ou não o lucro. A Matriz Social Empreendedora combina fatores que diferenciam claramente o empreendedorismo social do empreendedorismo tradicional.
Yunus, 2008	Qualquer iniciativa inovadora para ajudar as pessoas pode ser descrito como empreendedorismo social. A iniciativa pode ser econômica ou não-econômica, com fins lucrativos ou sem fins lucrativos.
Zahra; Gedajlovic; Neubaum; Shulman, 2009	Empreendedorismo social abrange as atividades e processos realizados para descobrir, definir e explorar as oportunidades a fim de aumentar a riqueza social através da criação de novos empreendimentos ou gestão de organizações existentes de forma inovadora.

Fonte: LACERDA; OLIVEIRA, 2012

O empreendedorismo social apresenta um novo olhar sobre o empreendedorismo. O empreendedor social busca utilizar suas habilidades em benefício da sociedade criando um ambiente saudável. Ele utiliza habilidades para ajudar no desenvolvimento de comunidades.

## **Origem**

A incapacidade das instituições governamentais em solucionar novos problemas sociais, visível nos diferentes tipos de políticas sociais setoriais (ou na ausência delas) e particularmente nas restrições orçamentais, tem fomentado iniciativas da sociedade civil na procura de práticas alternativas que respondam às necessidades sociais não atendidas nem pelo Estado, nem pelo mercado (PARENTE et al, 2011).

De acordo com Dees (2009), as raízes do que hoje designamos de empreendedorismo social remontam à era vitoriana tardia, em torno do final do século XIX, época da ascensão daquilo que o historiador Gertrude Himmelfarb chamou de "caridade científica", um tipo de caridade mais sistemática e estratégica. Esse período representou uma mudança na ideia de caridade, que passa do simples ato de dar esmola aos pobres, para uma caridade passível de criar uma mudança duradoura e sistêmica. Esse último impacto é um princípio fundamental do empreendedorismo social tal como é definido nos dias de hoje.

Empreendedores sociais e ações de empreendedorismo social podem ser encontrados ao longo da história, conforme Parente et al (2011). Na lista de pessoas historicamente identificadas com o fenômeno, quer pelo trabalho desenvolvido quer pelos impactos criados no setor de cidadania, destacam-se: a inglesa Florence Nightingale, fundadora da primeira escola de enfermagem que desenvolveu práticas de enfermagem modernas na Segunda Guerra Mundial através de reformas profundas nos hospitais do exército inglês; Michael Young, fundador do “Institute for Community Studies” em 1953 e da “School for Social Entrepreneurs” (SSE) em 1997, no Reino Unido, apontado como tendo desempenhado um papel central na promoção e legitimação do campo do empreendedorismo social; Maria Montessori, a primeira médica italiana que, nos anos 60 do século XX, criou um método de educação revolucionário que consistia na defesa de que cada criança tinha um desenvolvimento único. O sucesso do seu método conduziu à criação de diversas Escolas Montessori (PARENTE, et al., 2011).

Mas foi no início de 1980 que o campo do empreendedorismo social começou a tomar a sua forma contemporânea, quando as suas duas principais escolas de ensino - a escola de inovação social e a escola de empresa social - foram inicialmente estabelecidas (DEES, 2009). Embora estas escolas tenham surgido de forma independente, elas seguiram basicamente o mesmo caminho.

Através do trabalho de Bill Drayton, fundador da Ashoka, em 1980 foi que a escola de inovação social desenvolveu a sua identidade própria. A Ashoka começou apoiando "inovadores para o público" ou "empreendedores do público" que trabalhavam internacionalmente. Para Drayton, os empreendedores sociais são aqueles que reformam ou revolucionam o modelo de produzir valor social nas áreas da educação, da saúde, do ambiente e do acesso ao crédito, encontrando novas e melhores formas de fazer as coisas.

Somente no início dos anos 1990, é que empreendedor social se tornou o conceito para descrever os inovadores que agem da mesma forma no cenário do setor social, que os empreendedores de negócio agem no ambiente de negócio ou econômico, transformando os modelos de produção. Muitos líderes do atual movimento de empreendedorismo social vêm os empreendedores sociais primeiramente como inovadores (DEES, 2009; MARTIN; OSBERG, 2007; NICHOLLS, 2006).

No mesmo ano em que a Ashoka foi fundada, Ed Skloot hoje presidente da Fundação Surdna criou a empresa de consultoria “New Ventures”, dando início da escola de empresa social. Sua intenção era ajudar as organizações sem fins-lucrativos a encontrarem novas fontes de receitas para torná-las mais viáveis financeiramente.

Chaves (2011) diz que a medida que o trabalho foi evoluindo, dirigiu a sua ajuda às organizações sem fins-lucrativos através do uso generalizado de ferramentas e ideias de negócio. Dessa forma, ao demonstrar que é possível esbater as fronteiras do sector, contribuiu para o debate da questão do que pode e deve ser feito pelas organizações não-lucrativas e qual o papel que as organizações lucrativas ou estruturas híbridas podem ter em alcançar impacto social sustentável.

A esse respeito, Steve Case, no Wall Street Journal (2005), referiu que:

Muitas pessoas ainda agem como se o setor privado e o setor social devessem funcionar em eixos diferentes, em que um deles é sobre fazer dinheiro e o outro é sobre servir a sociedade. A melhor abordagem é integrar estas missões com negócios não apenas lucrativos e com grupos de serviço social com os seus próprios rendimentos auferidos, contribuindo todos para uma mudança social positiva, durável e significativa (CHAVES, 2011, p. 1).

A grande diferença dos empreendedores sociais referidos, comparativamente com os atuais, reside na escala e no alcance do impacto social que os últimos conseguem gerar, bem como na multiplicidade de abordagens que são aplicadas para resolver os problemas sociais (PARENTE, 2011).

## **Método**

Para a elaboração deste estudo realizou-se uma pesquisa descritiva, de natureza teórico-exploratória, com a finalidade de analisar as diferentes abordagens utilizadas na investigação a respeito do empreendedorismo social.

A partir de dados, foi realizado um levantamento de artigos científicos, dissertações e teses relacionados ao tema e que apresentavam diferentes perspectivas teóricas.

Quanto aos objetivos, a pesquisa foi de cunho exploratório, com técnica de coleta de dados bibliográficos e documentais.

## **Resultados**

### **Visão nacional do empreendedorismo social**

Encontra-se ainda em processo de consolidação o empreendedorismo no Brasil, mas o tema começou a ser desenvolvido nos anos de 90 com a abertura da economia.

Quanto ao empreendedorismo social não há muita disseminação de tal conceito no país. O Brasil necessita de ações conjuntas entre Estado e a sociedade para diminuir as desigualdades sociais que imperam no país, visto que alcançou a 7ª posição no PIB – Produto Interno Bruto e 85ª posição no IDH - Índice de Desenvolvimento Humano segundo dados mundiais do Fundo Monetário Internacional – FMI e da organização das Nações Unidas – ONU, respectivamente em 2012.

Nesse sentido, o empreendedor social apresenta-se como figura apta a auxiliar neste processo de convergência para o bem estar social, sendo que o objetivo do empreendedor social, para Melo Neto e Froes (2002), é obter resultados sociais significativos, produzir mudanças para melhorar a vida das pessoas, fortalecer o autoconceito e a descoberta das próprias capacidades, clarificar valores genuínos, preservar a riqueza da vida humana e renovar as razões de esperança no futuro do mundo.

O quadro 2 apresenta as organizações que disseminaram o empreendedorismo social no Brasil.

**Quadro 2: Organizações que disseminaram o empreendedorismo social no Brasil**

<b>Organizações</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Estratégias</b>
FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL Fundado em 1985 Estatuto reformulado em 1995	Apoio e investimento em tecnologias e ações sociais para o desenvolvimento social e local	Banco de Tecnologias sociais Projetos Eventos Investimento
ASHOKA Empreendedores Sociais Fundada em 1986 São Paulo - SP	Criar a profissão de empreendedor social e apoiar empreendedores sociais, profissionalizar o trabalho de gestão no Terceiro Setor	Centro de capacitação: eventos cursos, site Prêmio Empreendedor social Sustentado de projeto e empreendedores sociais por três anos.
ENE/UFSC – Escola de Novos Empreendedores Fundado em 1992 Florianópolis/SC	Desenvolver atividades de disseminação do empreendedorismo, através de cursos, consultorias, eventos e publicações e outras atividades.	Pesquisas, consultoria, eventos e cursos
CETS/FGV – Centro de Estudos do Terceiros Setor Fundado em 1994 SP/SP	Realizar atividades de ensino, pesquisa, treinamento, consultoria e assessoria a organizações do Terceiro Setor, quanto aos processos de gestão.	Pesquisa, consultoria, base de dados, Cursos, Pós
ACADEMIA SOCIAL Fundada em 1995 Recife-PE	Tornar a inquietação humana e transformação social.	Formação, informação, serviços, incubadora social de jovens cursos para o Terceiro Setor, eventos campanhas
FENEAD – Federação Nacional dos Estudantes de Administração. Fundado em 1995. SP/SP	Despertar nos estudantes de administração o seu papel de agente Transformador	Prêmio Nacional FENEAD de inovação social para o Terceiro Setor
CEATS/FEA/USP Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor Fundado em 1998 SP/SP	Atividade de educação superior, capacitação profissional, estudos e pesquisas, apoio consultivo e serviços de extensão às organizações da sociedade civil, do mercado e do Estado.	Pesquisa, consultoria, cursos e eventos
SOCIALTEC Fundado em 2000 SP/SP	Disponibilizar conhecimento e informação para empreendedores sociais, ênfase no marketing social	Pesquisa, consultoria, base de dados

**Fonte:** OLIVEIRA, 2003

A Ashoka é uma organização mundial, sem fins lucrativos, pioneira no campo da inovação social, trabalho e apoio aos empreendedores sociais – pessoas com ideias criativas e inovadoras capazes de provocar transformações com amplo impacto social. Presente em mais de 60 países e criada na Índia em 1980, pelo norte americano Bill Drayton, a Ashoka trabalha com diferentes públicos comprometidos com a mudança do mundo. Além de uma rede ampla de empreendedores sociais, a Ashoka promove protagonismo, transformação e empatia em diversas esferas na sociedade.

Os empreendedores sociais da Ashoka fazem parte de uma rede mundial de intercâmbio de informações, colaboração e disseminação de projetos composta hoje por mais de 3500 empreendedores localizados nos diversos países em que atuam. No Brasil, compõem a rede cerca de 320 empreendedores sociais de todas as regiões do país.

Seus conceitos, estratégias, princípios estão permeando quase que tudo do que se fala e se produz sobre empreendedorismo social, portanto merecendo uma atenção mais centralizada e aprofundada e depois os dados históricos indicam que esta organização é pioneira, tanto no estilo metodológico quanto na aplicação e uso do termo empreendedorismo social, no exterior e principalmente aqui no Brasil, o que torna a Ashoka uma referência e construtora de opinião sobre este assunto.

Portanto, o quadro 3 será um compêndio dos empreendedores sociais da Ashoka e o que fazem para mudar o Brasil.

**Quadro 3: compêndio dos empreendedores sócias da Ashoka e o que fazem para mudar o Brasil**

<b>Empreendedores sociais</b>	<b>O que fazem/fundaram/criaram</b>
Alexandro Silva Chaves	Terra Viva, métodos agroecológicos diversificados e ecologicamente sustentáveis, que unem sustentabilidade econômica, inclusão social, preservação ambiental e geração de renda. (Porto Seguro-BA)
Amália Eugenia Fischer Pfaeffle	Fundo Ângela Borba de Recursos para Mulheres, fundo de investimento social brasileiro que direciona recursos exclusivamente para organizações de mulheres. (Rio de Janeiro)
Celerino Carriconde	Centro Nordeste de Medicina Popular (CNMP), a fitoterapia é um dos principais recursos utilizados pelo centro para o tratamento das camadas marginalizadas da população do interior e da capital. (Olinda – Recife)
Clóvis Borges	Sociedade de Pesquisa da Vida Selvagem (SPVS), consultoria técnicas para escolas, comunidades, empresas e entidades do governo envolvidas com a educação ambiental. (Curitiba – PR).
Daniel Raviolo	Centro de Comunicação e Cultura que pelo sistema de cooperativas, possibilita a publicação de jornais comunitários autosustentáveis, que funcionam como um instrumento de trabalho de educação não-formal para a cidadania. (Fortaleza – CE)
Dora Andrade	EDISCA – Escola de Dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes – ajudar crianças pobres a desenvolverem novas habilidades. (Fortaleza – CE)

Elie Ghanem	Ação Educativa, formar cidadãos capazes de redefinir as relações políticas e sociais, de influenciar centros de decisão e de promover a própria integração na economia, criando maneiras efetivas de organização e mobilização social. (São Paulo)
Eduardo Valarelli	Projeto Carmim, promove ações educativas e culturais em hospitais da cidade São Paulo, como uma forma de resgate da cidadania em situações de total abandono. (São Paulo)
Fábio Rosa	Projeto Luz, trabalho de eletrificação rural a baixo custo no interior do Rio Grande do Sul, proporcionando a pequenos proprietários o acesso à luz, água e outros benefícios. (Porto Alegre – RS)
Graça Pizá	Clínica da Violência, curso de capacitação para profissionais despreparados para diagnosticar casos de violência física e psíquica que acabava duplicando seu efeito nas instituições hospitalares. (Rio de Janeiro - RJ)
Guilherme Souza	Projeto Piabanha, visa a restauração dos estoques de peixes em declínio, particularmente das espécies nativas em extinção. (Itaocara – RJ)
Harley Nascimento	Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS – percebeu o impacto que o vírus HIV poderia causar nas populações de baixa renda de Salvador logo no início da epidemia de AIDS no Brasil, na década de 80. (Salvador–BA)
Herivelto Silva Teixeira	Minha história... minha vida, mobilizar os adolescentes e jovens envolvidos diretamente com o crime e a violência, tornando-os conscientes de seus direitos e de suas responsabilidades como cidadãos. (Fortaleza – CE)
Ismael Ferreira de Oliveira	Associação dos Pequenos Agricultores do Município de Valente (APAEB), extrai do solo semiárido condições para a melhoria da qualidade de vida dos moradores do sertão da Bahia. (Valente – BA)
Joaquim de Melo	Banco de Palmas – banco popular para inclusão social, voltado para economia solidária – (Fortaleza – CE)
Jurema Werneck	Projeto Criola, voltado para o fortalecimento – ou <i>empowerment</i> , conceito desenvolvido no interior do feminismo – de mulheres, adolescentes e meninas negras. (Rio de Janeiro – RJ)
Kaká Werá	Instituto Arapoty (organizações indígenas independentes) para promover o ensino de valores humanos, consciência ecológica e respeito à diversidade cultural e espiritual. (Itapeçerica da Serra, SP)
Karla Emmanuela Ribeiro Hora	Plano para a divisão territorial da terra que leva em conta o capital humano e ambiental.- melhor a produtividade e a viabilidade econômica das comunidades de reforma agrária que assegura a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais. (Goiânia – GO)
Laury Cullen Júnior	Técnicas agroflorestais podem reanimar o solo degradado, transformar agricultores em conservacionistas para preservar a Mata Atlântica e a sua fauna (Teodoro Sampaio – SP)
Leonardo Pessina	Centro de Assessoria à Autogestão Popular (CAAP), orienta famílias e grupos comunitários em torno da ideia de construir suas próprias casas, a preços baixos e com boa qualidade. (Santo André – SP)
Liane Marcondes	Dialog Consultoria, sistematizar técnicas e instrumentos de formação adquiridos com a experiência, para disponibilizar seu <i>know-how</i> para outras organizações e profissionais ligados ao Terceiro Setor. (Rio de Janeiro – RJ)
Maria das graças Marçal (Dona Geralda)	ASMARE – Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável. (Belo Horizonte – MG)
Maria do Socorro Guterres	Brasil Quilombola, sistema contra o preconceito e o racismo na escola por meio do treinamento dos professores das zonas rurais de população negra. (São Luís – MA)
Marilena Lazzarini	Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (IDEC).(São Paulo)
Mirian Assumpção e Lima	“O que você faz pela paz?” se dedicou inteiramente a promover ações criativas para reduzir a criminalidade e a violência nas favelas. (Belo Horizonte – MG)
Normando Batista Santos	Centro de Educação e Cultura Popular (Cecup), habilitar educadores para áreas pouco assistidas pelo poder público (trabalhadores rurais,

	populações afro-brasileiras e moradores de favelas), utilizando a força das próprias comunidades para criar escolas e postos de saúde. (Salvador-BA)
Paulo Célio Figueiredo	Movimento Pró-Rio Doce, propor comitês de bacias hidrográficas formados por empresários, governo e representantes da sociedade civil para melhorar a qualidade de vida das populações ribeirinhas a partir do Rio Doce.(Governador Valadares – MG)
Rodrigo Baggio	Comitê para Democratização da Informática (CDI) que promove a inclusão digital visando a inclusão social (Rio de Janeiro)
Rubens Gomes	Dinâmica de desenvolvimento regional – produção de instrumentos de corda dirigido a jovens habitantes menos favorecidas, treinando comunidades em transformar recursos naturais em bens sociais. (Manaus – AM)
Sebastião Rocha	Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – CPCD – fazer com que o estudante sinta prazer em ir às aulas. (Belo Horizonte – MG)
Silvia Carvalho	Crecheplan Centro de Estudos e Informações, cuja idéia era desenvolver creches de primeira qualidade, a partir de sua maior carência: a falta de formação de seus profissionais. (São Paulo – SP)
Sueli Carneiro	Geledés Instituto da Mulher Negra para combater a discriminação racial e de gênero na sociedade brasileira e desenvolver propostas de políticas públicas que promovam a equidade de gênero e raça. (Rio de Janeiro)
Sueli Carvalho	Centro Ativo de Integração do Ser – C.A.I.S. do Parto para dar cursos de capacitação para parteiras tradicionais. (Olinda – PE)
Suzana Pádua	Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPE), projeto de educação ambiental, a partir do envolvimento comunitário promovendo cursos de conservação da natureza e temas afins. (Pontal do Paranapanema – SP)
Valdecir Pedreira do Nascimento	Ampliando Direitos e Horizontes, incentivando jovens empregadas domésticas para seus direitos e suas responsabilidades no trabalho, fortalece seu sentido de identidade e autoestima e oferece treinamento de qualificação para profissionalizar seu trabalho. (Salvador – BA)
Vera Cordeiro	Associação Saúde Criança Renascer para ajudar crianças e adolescentes a escapar do círculo miséria-doença-internação-reinternação-morte que acompanha as famílias após a alta hospitalar.(Rio de Janeiro)
Wellington Nogueira	Organização Doutores da Alegria para levar alegria a crianças hospitalizadas, seus pais e profissionais de saúde (São Paulo)

**Fonte:** Adaptado de OLIVEIRA, 2003

### **Visão internacional do empreendedorismo social - Contribuição das Escolas**

A investigação acadêmica do empreendedorismo social originou-se nas perspectivas norte-americana e europeia. Os pesquisadores da escola norte-americana desenvolveram o conceito de empreendedorismo social sob a influência das análises da corrente teórica do setor não lucrativo e, posteriormente, enquanto fenômeno próximo da cultura, conhecimento e práticas do empreendedorismo em geral (PARENTE, 2011).

Nesse sentido, esta escola moldou a lente com a qual se analisou a emergência do fenômeno, traduzindo-se em níveis de análise semelhantes aos utilizados até então: (1) o empreendedor e as suas qualidades pessoais intrínsecas e (2) a sustentabilidade e a eficácia dos métodos empresariais. Tendo em conta estas duas vertentes do empreendedorismo social, a tradição americana debruça-se por um lado, na visão do

empreendedor enquanto ator social e econômico por excelência, e por outro, na empresa enquanto ferramenta fundamental para sobreviver e/ou prosperar na configuração do mercado livre (PARENTE, 2011).

Já na Europa, o empreendedorismo social enquanto campo teórico rivaliza com um terreno de investigação ancorado em representações e práticas distintas (DEFOURNY; NYSSSENS, 2010a apud PARENTE, 2011). As concepções sobre o papel do(s) Estado(s) acerca da provisão de serviços públicos e da resposta a problemas sociais parte de pressupostos distintos do contexto americano. Face à necessidade de atualização e resposta das instituições aos desafios impostos pelas crises dos Estados Providência, pelo aumento do desemprego e pela emergência de novos fenômenos de pobreza e exclusão social, a tradição europeia tem centrado a sua análise no conceito de economia social para designar um terceiro sector relativamente autônomo e equidistante dos sectores público e privado na resposta a necessidades econômicas e sociais. Mais recentemente, Defourny e Borzaga (2001 apud PARENTE, 2011) e Dees e Anderson (2006) têm procurado cruzar os principais contributos europeus e americanos acerca do terceiro setor, pressuposto que de alguma forma subscrevemos e que procuraremos expor ao longo deste texto.

Destaca-se, portanto, desse debate, por um lado, a presença dos elementos organizacionais e os princípios da economia social e, por outro lado, os contributos americanos para a sustentabilidade das práticas em contexto empresarial, desenhando-se o espaço para novas organizações “socialmente empreendedoras” (DEFOURNY; NYSSSENS, 2010b apud PARENTE, 2011).

Nesse sentido, verifica-se como o conceito de empreendedorismo social é trabalhado à luz das escolas que mais contribuíram para fundamentar o aumento do interesse acadêmico e político pelo fenómeno – a Escola Norte-americana (destacando-se quer a abordagem associada ao setor não lucrativo, nomeadamente, a da Geração de Receitas e a Escola da Inovação Social e a Escola Europeia (PARENTE, 2011).

### **Escola americana**

O conceito de empreendedorismo social nos EUA aparece também associado ao de empresa social, ainda que com algumas diferenças relativamente à perspectiva europeia (DEFOURNY; NYSSSENS, 2012 apud ALMEIDA, 2013). Nesse âmbito, podemos distinguir duas correntes:

1) uma primeira corrente, assente numa visão mais restrita do empreendedorismo social, considera que o empreendedorismo social e empresa social se reportam à utilização de atividades comerciais por parte de organizações sem fins lucrativos como apoio à sua missão (KERLIN, 2006 apud ALMEIDA, 2013).

2) uma segunda corrente, assente numa visão mais vasta do empreendedorismo, surge através de Bill Drayton e da organização Ashoka que tem como finalidade focar-se nos perfis de pessoas muito especiais, tornando-se capazes de produzir a inovação social em várias áreas (DEFOURNY; NYSSSENS, 2012 apud ALMEIDA, 2013).

Nessa segunda corrente enquadram-se também outras organizações como a Schwab Foundation e Skoll Foundation que seguem o pensamento de que a inovação social é fulcral para o empreendedorismo social, auxiliando os empreendedores sociais (DEFOURNY; NYSSSENS, 2012 apud ALMEIDA, 2013).

Essas instituições norte-americanas têm destacado especialmente o termo “empreendedor social”, dado que identificam e auxiliam de diversas formas indivíduos que se entregam a novas atividades destinadas a uma missão social (DEFOURNY; NYSSSENS, 2008 apud ALMEIDA, 2013).

Esses indivíduos manifestam comportamentos empreendedores no que concerne ao envolvimento pessoal, à dinâmica e a experiências inovadoras, produzindo novas formas de responder aos problemas sociais.

Essas duas correntes originaram duas escolas de pensamento acerca do empreendedorismo social: The Social Enterprise School of Thought e The Social Innovation School of Thought (DEES; ANDERSON, 2006 apud ALMEIDA, 2013).

No âmbito da Social Enterprise School of Thought, o empreendedorismo social é praticamente visto numa ótica organizacional. O objeto principal de estudo é a empresa, que será empreendedora quando cumprir uma missão, conforme Dees e Anderson (2006 apud ALMEIDA, 2013), Defourny e Nyssens (2012), Hoogendoorn, Pennings e Thurik (2010), (2011), Worth (2012).

Aqueles que constroem esta escola ressaltam a importância das entidades sem fins lucrativos onde é alcançada a sustentabilidade por meio de atividades produtoras de receitas empresariais, libertando-se da dependência do governo e do apoio filantrópico (WORTH, 2012 apud ALMEIDA, 2013).

A Social Enterprise School “está incorporada na tradição do empreendedorismo comercial que define o empreendedorismo como o processo de criação e gestão de (novas) organizações” (HOOGENDOORN et al., 2010, p. 8 apud ALMEIDA, 2013, p. 10).

No âmbito da Social Innovation School of Thought, a perspectiva centra-se não na organização mas no empreendedor social, o qual é visto como um inovador, um agente de mudança, alguém que reconhece uma oportunidade e impulsiona ações para a sua prossecução, gerando uma mudança que melhora a condição das pessoas e da sociedade. Assim, a ênfase está colocada em abordagens de inovação e transformação a fim de obter resultados sociais e não nas fontes de recursos usados (WORTH, 2012 apud ALMEIDA, 2013).

Os empreendedores sociais, de acordo com esta visão, são pessoas que causam uma mudança notável nos padrões de criação de valor social, canalizando recursos para as áreas de maior produtividade para a sociedade (DEES; ANDERSON, 2006 apud ALMEIDA, 2013). Podem ser definidos, ainda, como agentes de mudança quando realizam combinações de novos serviços ou nova qualidade de serviços, novos métodos ou fatores de produção, novas formas de organização ou novos mercados. A qualidade distintiva desta visão é que a inovação promove uma mudança sistêmica e um impacto a um nível mais amplo da sociedade que pode o empreendedorismo social ser, por isso, uma questão de resultados e não apenas uma questão de rendimentos (DEFOURNY; NYSSSENS, 2012 apud ALMEIDA, 2013).

### **Escola europeia**

A escola europeia que procura apreender as práticas do empreendedorismo social parte também de uma matriz histórica, social e econômica previamente estabelecida, o campo teórico-prático da economia social (DEFOURNY; NYSSSENS, 2010b apud PARENTE, 2011).

Se a economia social nasce no século XIX através da criação do movimento associativo como partidos operários, sindicatos e cooperativas, de forma a garantir a dignidade das condições de vida de populações mais desprotegidas, no século posterior constitui-se enquanto resposta à incapacidade quer do Estado quer do mercado na garantia do pleno emprego e na satisfação das necessidades sociais de franjas específicas da

população como crianças, idosos e desempregados de longa duração (DEFOURNY, 2001 apud PARENTE, 2011).

Embora as diferentes modalidades de criação e desenvolvimento do terceiro setor estejam fortemente enraizadas nos diferentes modelos de Estado social e na forma como estes se ressentiram da crise da década de 80 do século XX, a diversidade de enquadramentos sócio-políticos, legislativos e normativos (DEFOURNY; BORZAGA, 2001 apud PARENTE, 2011) e a coexistência de uma multiplicidade de modelos organizacionais (EVERS; LAVILLE, 2004 apud PARENTE, 2011) têm sido ultrapassadas por alguma unicidade teórica das correntes acadêmicas sobre o que caracteriza o terceiro setor e a economia social.

Se do ponto de vista legal a economia social agrega diferentes tipologias organizativas como as cooperativas, as mutualidades e as associações, do ponto de vista normativo privilegia em termos de objetivos e estrutura interna os seguintes princípios: o objetivo de servir a comunidade e os interesses sociais em detrimento dos interesses do capital; a gestão independente, ou seja, a separação face ao setor público e privado; a democraticidade dos processos de decisão cuja máxima corresponde a “uma cabeça, um voto”; e a primazia das pessoas e do trabalho sobre o capital na distribuição do rendimento (DEFOURNY; BORZAGA, 2001 apud PARENTE, 2011).

Todavia, desde os anos 90 do século XX que a European Research Network (EMES), rede de investigação europeia, procura estudar a emergência de novas entidades e/ou novas dinâmicas dentro do terceiro setor europeu (DEFOURNY; NYSSSENS, 2010 apud PARENTE, 2011). Esses novos modelos organizativos foram designados por empresas sociais, unidades de análise estudadas sob o prisma da inovação e do empreendedorismo social, mas necessariamente em articulação e sob influência dos modelos organizacionais tradicionais e das suas estruturas de gestão baseadas no trabalho associado.

Em suma, as empresas sociais, para a EMES, são:

Organizações privadas, autônomas e empreendedoras que providenciam produtos ou serviços com o objetivo explícito de beneficiar a comunidade. São detidas e geridas por um grupo de cidadãos e o interesse material dos investidores é sujeito a limites [...], estando ora proibidas legalmente de distribuir lucros ora estruturadas de forma a excluir o lucro como objetivo principal (BORZAGA; GALERA; NOGALES, 2008, p. 5 apud PARENTE, 2011, p. 11).

## **Considerações Finais**

A elaboração deste artigo objetivou contribuir teoricamente com o empreendedorismo social demonstrando em uma sinopse com as organizações e seus entendimentos, autores e suas definições de empreendedorismo social, sua origem, visão nacional abordando as organizações no Brasil e os empreendedores sociais e internacional com a contribuição das Escolas Americanas e Europeias.

O conceito de empreendedorismo social tanto pode dizer respeito a uma organização como a um indivíduo que propõe e desenvolve inovações na área social para resolver problemas sociais.

Muitas organizações, como a Ashoka, por exemplo, apoiam diretamente o empreendedorismo social, fornecendo capital e acesso a redes de apoio.

Os trabalhos desenvolvidos no âmbito americano e europeu, para Parente (2011), têm procurado apreender as novas tendências dinâmicas do terceiro setor e consolidar um campo conceitual ainda disperso e fragmentado.

Para Lacerda (2012), o empreendedorismo social prepara o caminho para um futuro que pode permitir que as gerações futuras satisfaçam suas necessidades de uma forma bem melhor do que somos capazes de satisfazer as necessidades básicas da população de hoje.

## **Referências**

ALMEIDA, Paula Carla Alves de. **A Cooperativa enquanto espaço do Empreendedorismo Social: o caso específico da Cooperativa dos Pedreiros**. 2013. 121 p. Dissertação (Mestrado em Empreendedorismo e Internacionalização) – Instituto de Contabilidade e Administração do Porto, Portugal, 2013.

CHAVES, Rosário. **A origem do Empreendedorismo Social**. Disponível em: <<http://empreendedorismo-social.blogspot.com.br/2011/04/origem-d-empreendedorismo-social-ii.html>>. Acesso em: 10 out. 2015.

DEES, J. Gregory. **O significado de empreendedorismo social**. 1998, 2001. Disponível em: <[www.academiasocial.org.br](http://www.academiasocial.org.br)>. Acesso em: 1 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Social Ventures as Learning Laboratories. **Innovations**, p. 11-15, 2009.

ÍNDICE de Desenvolvimento Humano. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndice\\_de\\_Desenvolvimento\\_Humano](http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndice_de_Desenvolvimento_Humano)> Acesso em: 4 out. 2015.

LACERDA, Leonardo; OLIVEIRA, Francisco Correia de. Afinal, o que é empreendedorismo social? Exemplos de empresas sociais brasileiras que transformam positivamente a realidade social no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM GESTÃO SOCIAL – ENAPEGS, IV., São Paulo, 2012.

MARTIN, Roger; OSBERG, Sally. Social entrepreneurship: the case for definition, social, **Innovation Review**, v. 5, n. 2, p. 27-39, 2007.

MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, César. **Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

NICHOLLS, Alex. **Social entrepreneurship: new models of sustainable social change**. Oxford: Oxford University Press. 2006.

OLIVEIRA, Edson Marques. **Empreendedorismo social no Brasil: fundamentos e estratégias**. 2003. 538 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2003.

PARENTE, Cristina et al. Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição. In: ENCONTRO NACIONAL DE SOCIOLOGIA INDUSTRIAL, DAS ORGANIZAÇÕES E DO TRABALHO EMPREGO E COESÃO SOCIAL: DA CRISE DA REGULAÇÃO À HEGEMONIA DA GLOBALIZAÇÃO, XIV., Lisboa, 2011. Disponível em: <<http://web3.letras.up.pt/empsoc/index.php/produtos/category/12-apresentacoes>>. Acesso em: 7 out. 2015.

PRODUTO Interno Bruto. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista\\_de\\_pa%C3%ADses\\_por\\_PIB\\_nominal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pa%C3%ADses_por_PIB_nominal)>. Acesso em: 4 out. 2015.